

Em nome da América, de Fernando Weller

Pedro Carvalho Oliveira¹

“Aqueles que impossibilitam as revoluções pacíficas farão com que uma revolução violenta seja inevitável”. A frase de John F. Kennedy, presidente dos Estados Unidos em 1961, foi proferida quando do lançamento da Aliança Para o Progresso. O projeto objetivava, por um lado, desenvolver os países da América Latina em moldes semelhantes ao que fez o Plano Marshall na Europa pós-1945; por outro, e como consequência desse desenvolvimento, evitar que a Revolução Cubana e o alinhamento dos revolucionários com o socialismo se tornasse um exemplo. Na equação estadunidense, a pobreza estrutural somada ao ímpeto de forças políticas consideradas subversivas resultaria facilmente em levantes de inclinação comunista. No auge da Guerra Fria, diante de uma região historicamente empobrecida, os interesses políticos estadunidenses se revestiam de benevolência. Desenvolver a América Latina era, para Kennedy, evitar a expansão do poder soviético pelo hemisfério.

A frase de Kennedy, no entanto, pode ser interpretada de forma ambígua mesmo que, no mesmo discurso em que a proferiu, ele tenha reconhecido o histórico descaso dos EUA em relação aos países latino-americanos, bem como a necessidade de se comprometer com a mudança desse panorama. Podemos auferir da declaração um significado duplamente ameaçador: se a democracia não for estabilizada de forma pacífica, deve ser estabelecida a qualquer custo. Da mesma forma, podemos compreendê-la como possivelmente fora gestada para ser compreendida: se a democracia não for assegurada pela via pacífica, supostamente própria a este sistema, a violência comunista usurpará mais um reduto democrático. Na América Latina, sinais de levantes populares pareciam sinalizar para uma repetição do modelo cubano, embora as organizações que os encabeçassem estivessem longe de qualquer articulação efetiva. O Nordeste brasileiro, bolsão de pobreza da região, permeada pelo impacto das Ligas Camponesas sobretudo na Paraíba e em Pernambuco, preocupava os EUA. Passou, então, a ser local de atenção privilegiada do Grande Irmão do Norte.

As palavras do presidente estadunidense marcam também uma das passagens do documentário *Em Nome da América*, escrito e dirigido por Fernando Weller e produzido por Carol Ferreira e Manu Costa, com a Jaraguá Produções e Plano 9. Embora Weller não seja historiador, a composição de seu documentário é sensivelmente permeada por noções que não apenas respeitam processos caros à profissão, como serve de alicerce para profícuos debates a respeito do tema que propõe: uma investigação sobre a presença dos Corpos da Paz (*Peace Corps*) no Nordeste brasileiro. Além do evidente zelo de Weller quanto a problemáticas próprias à história, talvez o bom resultado de sua obra neste sentido se relacione com o fato de a produção ter como base o livro *Em nome da América – Os Corpos da Paz no Brasil*^{II}, da historiadora Cecília Azevedo. Sobre esta relação, falaremos mais tarde.

Por ora, nos cabe fazer importantes considerações a respeito do perfil cinematográfico da produção. Nela é mostrado como os Corpos da Paz atuaram no Nordeste do Brasil nos anos 1960-70 por meio de entrevistas com antigos membros da iniciativa,

EM NOME DA AMÉRICA, DE FERNANDO WELLER
PEDRO CARVALHO OLIVEIRA

desenvolvida pelos EUA com o intuito de enviar aos países da América Latina voluntários aptos a servir no avanço das relações amigáveis com a potência e os países em desenvolvimento, o ensino de técnicas sustentáveis de produção, o ensino do inglês, apoio a pequenas empresas, assistência a jovens e adolescentes, entre outras coisas. Fica claro com o documentário que a iniciativa, empreendida no bojo das discussões sobre a Aliança Para o Progresso, buscava tanto amenizar a imagem dos EUA como país imperialista, quanto tornar mais íntima as relações dos nordestinos sertanejos e os EUA. Ao contrário da Aliança Para o Progresso, que estimulava prioritariamente o desenvolvimento estrutural, os Corpos da Paz penetravam na cultura popular, assimilava suas tradições e inseria a elas um pouco do que era, naquele momento, interessante aos EUA se tornar consensual, ou que pudesse estimular empatia entre os locais e os desconhecidos *yankees*.

Em meio às entrevistas, que se revezam entre os voluntários dos Corpos da Paz e moradores das regiões que tiveram contato com eles, descobrimos tramas e processos capazes de ultrapassar a tela. Alguns dos casos mais emblemáticos expõem as contradições envolvendo os voluntários e os interesses de seu país no Nordeste brasileiro. Para muitos dos voluntários, os Corpos da Paz era visto como um projeto realmente humanitário, dotado de força para, ao mesmo tempo, dar às populações pobres do Nordeste o auxílio que necessitavam e aos integrantes do projeto uma experiência transformadora. Isto, no entanto, esbarrava nas raízes políticas dos Corpos e na ânsia da Casa Branca em afastar os sertanejos da mira de homens como Francisco Julião, político pernambucano envolvido com a causa cubana.

Outros casos se situam entre a curiosidade histórica e os processos das relações humanas estabelecidos entre os voluntários e os sertanejos. Exemplo disso é a forma como os voluntários lidavam com a desconfiança dos locais, por vezes confundidos com espiões. De forma bastante natural, o documentário exprime como tramas mais complexas, a exemplo das que envolvem a espionagem – praticamente intrínsecas à Guerra Fria –, permeavam o imaginário de populações tão isoladas. Simultaneamente, por meio de recursos fílmicos apropriados, vemos como o desenrolar dessa desconfiança desemboca em situações de crise internacional, ao passo que a desconfiança quanto a espiões gerou questionamentos e dúvidas passíveis de serem confirmadas. Mantendo certo mistério, o documentário não descarta a possibilidade e confronto personagens diante das câmeras.

Eis aí um dos grandes trunfos do filme. Não o confronto gratuito e constrangedor de personagens com verdades iminentes por eles escondidas, mas a característica de um trabalho que se aproxima muito do campo da História do Tempo Presente. Há quem confunda este campo com a simples ideia de se analisar historicamente acontecimentos muito recentes. Neste caso, não seria a vida dos Corpos da Paz para o Nordeste brasileiro algo já antigo demais, exaurido de suas possibilidades de exame? Não. O que é a História do Tempo Presente se não, dentre outras coisas, uma história viva, ainda em desenvolvimento, cujos desdobramentos nos são contemporâneos e os agentes que deles participaram nos são ainda tangíveis? Evidentemente que o documentário aqui brevemente analisado não é uma obra audiovisual de História do Tempo Presente, pois sequer se propõe a isso. No entanto, seu potencial para ser utilizado como recurso para debate, investigação ou suporte para o ensino de história é evidente, ressalvando, é claro, o fato de se tratar de uma produção dotada de intenções, recortes e objetivos particulares.

EM NOME DA AMÉRICA, DE FERNANDO WELLER
PEDRO CARVALHO OLIVEIRA

É também interessante observar como o documentário proporciona conhecer uma história ampla por meio de exemplos específicos. Neste caso, há um empenho significativo e bem sucedido em destacar nuances de fragmentos da proposta de defesa de interesses dos EUA no Brasil. Longe de ser um trabalho que se aproxime da micro-história em termos metodológicos, consegue, se bem utilizado, servir como boa fonte documental para tanto. Sem contar que a proposta do documentário não escapa também a uma boa amostragem de como é possível compreender teias mais complexas por meio de fontes consideradas menores, pouco expressivas.

Há que se pensar também no problema que as narrativas cinematográficas, sejam elas documentais ou não, impõe ao historiador ou mesmo ao espectador. A película aqui citada não escapa a este problema, visto que sua organização, suas seleções e seus critérios de produção apontam para um norte específico, seduzindo quem o assiste a um caminho traçado pelos que o desenvolveram. Claro que este caminho de forma alguma se apresenta no documentário como dotado de más intenções ou de equívocos históricos terríveis, e isto deve ser sublinhado. O empenho e comprovar fatos acaba se tornando cristalino pelos depoimentos e pelo traçado historicista do apoio utilizado pelo diretor. É ainda, contudo, uma obra que apenas representa a realidade, não a expõe da forma empiricamente rigorosa própria à história. Contudo, não merece julgamento visto que não se impõe como formulação histórica, mas como produto cinematográfico que a respeita profundamente.

Em nome da América é, sem dúvidas, um documentário de importância ímpar a quem se propõe examinar o momento histórico que ele cobre. Seja por seu potencial documental, seja por seu método de observância e representação da realidade, coloca em tela caminhos profícuos aos historiadores. Sua linguagem parece dialogar intensamente com a desses profissionais, mesmo que sua narrativa se direcione também ao público leigo. Neste caso, abre interessantes e instigantes portas ao conhecimento sobre o tema.

NOTAS

^I Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá. Integrante do Laboratório de Estudos do Tempo Presente (LabTempo-UEM), do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET-UFS) e do Grupo de Pesquisa Política, Estado e América Latina (GPPEAL-UEM). Agência de fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)/Fundação Araucária.

^{II} AZEVEDO, Cecília. **Em nome da América: os Corpos da Paz no Brasil**. São Paulo: Espaço Alameda, 2007.